O ARTISTA

ASSIGNATURA
Por mez. . . . . 500 Rs.

PUBLICA-SE
Regularmente aos Domingos

ORGÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO, CRITICO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno II — Desterro -- Domingo 21 de Dezembro de 1879 — N. 1

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
1975
52

O ARTISTA

Desterro, 21 de Dezembro de 1879.

O ARTISTA, hoje, entra no segundo anno de sua existencia.

O jornal fragil de outr'ora é hoje um sustentaculo onde o povo pode arrimar-se; é um escudo forte, que defende os interesses publicos.

Quando se enceta uma empreza, por mui diminuta que seja, sente-se orgulho ao contemplar o seu feliz exito.

Assim, nós, que encetamos uma empreza, que não é das mais pequenas, orgulhamo-nos, e com razão, á vista do bello successo que coroou o nosso trabalho.

O ARTISTA tomou uma attitude fortissima graças aos nossos incansaveis esforços, e á coadjuvação generosa dos nossos favorecedores.

Amante extremoso do progresso, o ARTISTA repelle com desdem os obstaculos que lhe obstam a passagem, e, com passos firmes, caminha pela estrada jornalistica.

Dedicado ás artes, ás industrias e á litteratura, segue o seu glorioso rumo, alheio á politica, esse torvelinho de entrigas, mentiras e odios, cujo murmurio chega á seus ouvidos como um ruido vago.

No seu caminho não encontra empecilhos, porque a estrada do progresso, para aquelles que a querem trilhar, é franca.

Podemos dizer, sem receio de contestações, que o ARTISTA, mui breve, ha de ser o primeiro orgam d'esta provincia, a julgar pelos passos de gigante com que caminha para a prosperidade.

Não somos egoistas: o que nos faz fallar assim, é o orgulho de que nos achamos possuidos, ao ver o bom exito da nossa empreza.

O ARTISTA, como dissémos no nosso numero passado, nasceu fraco, oscillando a todo o instante, ao sopro da duvida; porém em breve robusteceu, devido, como já o dissémos, á protecção dos nossos favorecedores e ao concurso de novos e habeis collaboradores.

Bastante razão tinhamos, quando dissémos em um nosso numero já remoto:

«O ARTISTA cada vez prosegue mais desassombrado na espinhosa tarefa que encetou »

Sim, o ARTISTA prosegue desassombrado porque é guiado pelo pharol do progresso que illumina-lhe a estrada.

O nosso fim é desenvolver a mocidade catharinense, que permanece nas sombras do acanhamento; é mostrar ás provincias do imperio que no abençoado torrão catharinense existem muitos talentos, ainda por desabrochar.

Si todas as folhas d'esta capital fossem como a nossa, alheias á politica e dedicadas ao interesse publico, a provincia de Santa Catharina gosaria de melhor reputação do que actualmente gosa.

A que é devido isto?

A' politica, tanto conservadora como liberal, que só tratam do interesse pessoal e não do geral.

Porém, nós já antevemos o dia em que as cousas mudarão de face; em que sobre as ruinas da monarchia se erguerá o soberbo edificio da liberdade !...

LITTERATURA

NEDJEDLIS O MOURO

OU

UMA VICTIMA DA INQUISIÇÃO

POR

J. F. Paz

I

Huma casa bella e magestosa dominava a *quinta*.

Era a habitação de D. Rodrigo Pereira, hespanhol rico e respeitado, chefe de familia e fidalgo de paço de D. Fernando I.

D. Rodrigo conservava esse orgulho real que sempre se encontra entre os nobres e não queria que sua familia se alliasse com a pobreza ou com estrangeiros.

Elle tinha uma unica filha chamada *Elvira* e que estimava como Deos aos anjos.

FOLHETIM 3

EDMUNDO O BANDIDO

POR

JOSÉ PRATES

PRIMEIRA PARTE

LEONIDA

I

Dous olhos pequenos e negros brilhavam sob espess as sobrancelhas; o rosto era saliente; a barba comprida e dura como a do bode; o nariz chato; os labios finos e a testa triangular; em uma palavra, dava todos os indicios de perversidade.

Cumprimentou o conde e, fictando os olhos no rosto bello de Leonida, fez-lhe uma profunda cortezia.

—Que me quereis? perguntou o conde.

—Venho avisal-o de que esta noite vai ser roubado pela quadrilha de Edmundo.

A'estas palavras, Leonida soltou um grito, vacillou e cahiu desmaiada nos braços do pai, que apressou-se em segural-a.

Emquanto o conde applicava todos os medicamentos necessarios para tornal-a a si, João não cessava de fictar a donzella.

O conde, afinal, levou-a para os seus aposentos e, depois de entregal-a aos cuidados de uma creada velha, voltou.

—Então Edmundo pretende roubar-me? disse com desdem.

—Sem duvida! e será bom que vossa senhoria tracte de pôr-se em defesa.

—E como foi que soube d'isso? perguntou o conde, encarando-o.

Esta pergunta confundiria á qualquer outro, mas não a João, que respondeu promptamente:

—Ouvindo certa couversa, quando valtava do meu trabalho.

—E em que logar?

—No carreiro que conduz á Casa Negra.

Este nome sinistro de *Casa Negra* foi dado ao *rendez-vous* dos salteadores da quadrilha de Edmundo, attendendo não só ao logar em que estava situada, como tambem ás paredes denegridas do edificio.

E' preciso dizer que os moradores da aldêa ignoravam que alli fosse o *club* dos bandidos.

—Bom disse o conde, entregando uma

Acervo: Biblioteca Publica de Santa Catarina

Todos os dias elle lhe dizia.

—Minha filha, tu ainda serás princeza d'Hespanha !

Tal era sua ambição !

Mas Elvira que expellia o orgulho e a ambição amava loucamente Nedjedlis o mouro, sem que o fidalgo hespanhol soubesse.

A' tarde, quando o sol estava despedindo-se da terra ella ia passeiar a praia e Nedjedlis a esperava para gosar esses momentos tão doces, pelos quaes os moços, como nós, são capazes de sacrificar a mesma vida.

Elvira era uma Andaluza bella como um anjo, a côr de seu rosto era morena como o da virgem que, por vagar muito tempo no céo, fora queimada pelos raios do sol. Apezar dessa cor via-se rubor nas faces; seus olhos erão vivos como os de lynce e seu fallar suave, argentino e encantador.

Talvez que a Madona de Raphael não reunisse assim tanta belleza !

Nedjedlis a chamava *huri* e a amava com todas as forças de sua alma.

. . . . . .

Um dia D. Rodrigo chegou-se á sua filha e disse-lhe:

—Elvira, hoje espero o visconde de Burgos filho do conde de Burgos, fidalgo proprietario rico, e que ainda no ultimo torneio venceu dous marqueses de França

E' necessario não perder a occasião; é preciso casar-te Elvira.

—Com elle?

—Sim, minha filha. Elle é de raça nobre e alem disse é protegido pelo rei.

—E que tem isso ?

—São grandes vantagens.

Mas meu pae eu não quero tão cedo vender minha liberdade.

—Ora ! E' para teu proveito.

Então não queres ser viscondessa de Burgos ? Não achas bonito. O povo tirar o chapéo e os soldados fazerem continencia quando passa um nobre?

—E' bonito. Mas eu não quero casar-já. Ainda sou muito joven.

—Ora essa ! Ha de casar-se ! disse D Rodrigo e depois retirou-se para preparar a recepção do visconde de Burgos.

Elvira chamou uma aia por nome Annita e pedio-lhe que mandasse um pagem avisar ao Mouro que ella iria á praia antes da tarde.

E' necessario observar que Annita era aia de confiança e unica amiga e conselheira de Elvira.

A aia sahio, chamou um pagem e transmettio-lhe a ordem dada por Elvira,

O pagem correo á praia, abrio o portão que avda entrada para a casa do Mouro, entrou e avisou-o da vinda de Elvira antes da tarde.

Nedjedlis logo apromptou-se e foi para a praia.

Ahi sentou-se esperou seu anjo consolador.

Elvira veio acompanhada por Annita

—Oh ! então que novidade ha? Pergunta-lhe Nedjedlis.

—Trata-se de me casar com o visconde de Burgos que é esperado esta tarde. Responde-lhe Elvira.

O Mouro empallideceu depois disse.

—E então porque não te casa ?

—Eu casar-me com outro que não seja o que amo?

—Não se deve perd r convenienc ias.

—Mas por amor p r le- e udo.

—Oh ! E' preciso muita força de amor !

—Como o meu.

—Então só por isso veio tão cedo ?

—Sim pois que a tarde o visconde deve estar em casa de meu pae e eu não poderei sahir.

Quero tambem que me dês algum conselho. O que hei de responder-lhe quando elle perguntar se casar-me com elle ?

—Responda o que quiser.

Oh ! Isso não ! E' preciso que digas o que lhe responderei.

—Se tem vontade de casar-se com elle diga que quer; se não quiser cale-se.

—Vontade não tenho.

Continúa

POESIAS

A noite da procella

POR

B. Carvalho de Oliveira

Off. ao Amigo B. Varella.

IV

Entre a sanha da negra tempestade
Que tudo destruir quer
Vejo o baixel que vi !—temeridade !—
Co'o arrais e uma mulher !

Bem alta vai a noite... e mais e mais
Vae crescendo o temporal !
Ameaça em seu auge o cego arrais,
Esse spirito do mal !

Que elle, o seductor, alma maldicta
Aquella flor vae matar !
Ella, do jardim solta a desdita,
Não ha de logo murchar?

Ruge furibundo o mar terrivel,
E brama a atra tormenta !
A onda cresce, s'encapella e horrivel
D'encontro o baixel rebenta !

Então grita a infeliz « Ai ! minha vida!
A vida que vou perder !
Don Juan ! Don Juan ! tens-me perdida !
Perdida para morrer !..

Don Juan ! Don Juan ! presinto a morte!
A morte qu'eu não lembrava !
Don Juan ! Don Juan ! Que triste sorte !
A sorte que me aguardava !

Don Juan ! Don Juan ! Já sinto o medo !
O medo nesta agonia !
Don Juan ! Don Juan ! Já sinto o dedo
Toca-me da morte impia !..

Don Juan ! Don Juan ! Gritava a louca,
A louca que foi donzella !
Don Juan ! Don Juan ! co'a voz já rouca
Nos seios lá da procella !

Encrespou-se medonha e ruidosa
Mas outra tumida vaga....
Que o baixel da desgraça, furiosa
Se quebrando, todo alaga !

---

bolsa a João; aqui tem o premio do seu serviço.

Os olhos do traidor brilharam de alegria.

Tinha recebido o premeio da sua obra.

Embuçou-se de novo no seu ponche, despediu-se do conde e, lançando um olhar á porta da camera de Leonida, sahiu.

Quando afastava-se do castello, dous cavalleiros, correndo á toda a brida, passaram por elle e confundiram-se com as trevas: eram os creados do conde que iam buscar uma escolta para defender o castello.

III

Voltemos ao nosso ponto de partida, isto é, á Casa Negra.

Onze horas, disse o chefe, consultando o relogio. Vamos partir.

E os dous que faltam? observou Benedicto.

—Virão amanhã, respondeu Edmundo, dirigindo-se á porta.

Os bandido seguiram-o.

A chuva continuava a cahir e o trovão a ribombar no espaço.

Os salteadores puzeram-se a caminho pelo medonho carreiro, orlado de ambos os lados por uma densa fileira de arvores, cujos ramos, entrelaçando-se, formavam uma abobada sombria.

Agora vamos dar ao leitor alguns esclarecimentos sobre o chefe d'esta quadrilha.

Edmundo nasceu de pais pobres, mas honrados, que, depois de darem-lhe uma educação soffrivel, empregaram-o na lavoura.

Até á idade de doseito annos, Edmundo conservou-se submisso á seus pais, que viam n'elle um arrimo para a sua velhice; mas, desde então, o jovem lavrador, obedecendo aos impulsos do seu genio, tornou-se perverso, apesar dos esforços de seus pais.

N' esse tempo principiou-se a fallar de um famosa quadrilha de salteadores, que infestava o paiz.

Edmundo sentiu-se com vocação para tam miseravel porfissão.

Não deu d'isso mostras, temendo lançar seus pais no tumulo, pois ainda n'aquelle coração pervertido existia uma parcella de amor filial; mas procurou occultamente travar relações com os bandidos.

Com effeito, passado algum tempo, já o jovem lavrador gosava de muita sympathia entre os salteadores.

Continúa

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E a infeliz, no gemido mais profundo,
Maldizendo a sua sorte,
Abraça o seductor, mas...lá, no fundo
Nos braços lhe gela a morte!

. . . . . .

Quando o dia assomou, vinha d'encantos
As fimbrias dos ceos doirando,
Mas a angustia, tambem, sentidos prantos
A' casa de alem levando!

Nunca soube-se ali da desventura
Que aquella infeliz tivéra...
Perdida flor na equorea sepultura,
Que a sorte negra lhe dera!

Mas, no mar, alta noite, quando freme
Seus uivos a atra procella,
Don Juan! Don Juan! dizem que geme
Uma voz como a voz d'ella!..

22-12-68. B.C.O.

RECITATIVO

(SERENATA)

Eu venho agora moreninha bella
Te despertar d'esse lethargo ameno;
Ver tua fronte de suave cor
Teus negros olhos que me dão amor.

Minh'alma afflicta é por ti que soffre
Donzella rica de belleza pura.
O'não me fujas! Meu amor é santo,
E's minha vida, meu querido encanto.

Assim qual rola no pomar perdida,
Terna canção a soluçar então
Sem ter caricias do querido amante
Que elle soffre com paixão bastante,

Assim minh'alma vai soffrendo sempre
As scismas loucas que por ti eu tenho:
Si tenho a fronte de mortal pallor
A'esp'rança fujo, e só me resta a dor.

Eu venho agora moreninha bella
Te despertar d'esse lethargo ameno.
Ver tua forte de suave cor,
Teus negros olhos, que me dão amor.

M. J. F A.

NOTICIARIO

Jornaes

Agradecemos as respectivas redacções remessas dos periodicos seguintes:

Despertador, Conservador, Regeneração, Verdade, Municipio, Gazeta de Joinville, A Grinalda, O Papagaio, O Povo, Nova Aurora, O Orbe, Correio do Natal, O Echo do Paraná, O Jornal do Penedo e o Raio.

Parabens— No dia 9 do corrente, na Imperial Academia dos Bellas Artes, da corte, foi premiado com a medalha de prata, em attenção aos seus trabalhos de dezenho de figura, o esperançoso jovem catharinense Sebastião Vieira Fernandes.

E'mais um cultivador da sublime arte de Minerva que a provincia de Santa Catharina apresenta, orgulhosa, ao mundo artistico.

Sebastião tem apenas 12 annos de idade, e já patentêa a sua subida intelligencia,

Ao seu primeiro professor o sr. Manoel Francisco das Oliveiras, dirigimos um sincero aperto de mão, pois foi elle quem dirigiu os primeiros passos do jovem artista na estrada da arte.

Sebastião só tem 9 meses de estudo na Academia. Quando sahiu da aula de dezenho d'esta capital, já tinha bastante conhecimento dos desenhos de figuras, paysagens, ornatos e animaes.

Comparando o tempo que frequentou a aula do sr. Margarida com o que estudou na Academia, vê-se que o premio foi-lhe dado pela habilitação que d'aqui levou; pois em 9 mezes não contando o tempo que cá estudou, seria quasi um impossivel receber a medalha de prata.

Honra, pois, ao distincto professor o sr. Manoel Francisco das Oliveiras que mais uma vez provou a grande utilidade da sua acreditada aula.

Si este sr. estivesse na America do Norte já estaria sem duvida alguma honrado com o titulo de cidadão Benemerito mas como está no Brasil na terra do *patriotismo* é lançado no esquecimento.

E' este um motivo para que o presidente da provincia e assembléa olhem com mais attenção para aquelle estabelecimento.

O sr. Margarida a despeito da vil guerra que lhe fazem occultamente alguns professores, tem sempre provado utilidade da sua aula.

Antes de terminarmos esta noticia, enviamos os nossos parabens ao pai do joven artista e aos seos cunhados que temo em sua companhia.

Corrigenda.—Na primeira pagina desta folha, no folhetim do sr. José Prates, houve engano na numeração do capitulo, em logar do 1, de ler-se II; pois o primeiro já foi publicado.

Chegada.—No paquete *Rio de Janeiro*, entrado nodia 14, veio o nosso particular amigo, Augusto Vieira Pamplona, estudante da escola de marinha.

Este nosso digno comprovinciano, depois de obter approvação em varias materias, faltando-lhe sómente para o exame mathematica, o qual fez, merecendo elogios de seus companheiros; teve a infelicidade de ser reprovado, motivando para isto a discordancia dos examinadores a quem um d'elles queria approvar um estudante que não estava nas circumstancias de merecer approvação; e que então resolverão-se reprovar a turma.

Porem como somos animadores da instrucção. desejamos que o nosso particular amigo não recue na carreira brilhante que ia seguindo, continuando seus estudos com affinco, que mesmo tarde a injustiça será reparada por aquelles que reconhecem a sua intelligencia.

Muito bem.—Por decreto de 22 do mez proximo possado, foi agraciado com a dignitaria da Imperial Oordem da Roza, o professor da academia das bellas artes, Victor Meirelles de Lima, pelo merecimento artistico de que deu provas na ultima exposição geral da mesma academia.

Catharinense e artista, como é o agraciado, não podemos publicar aqui esta grata noticia senão possuidos de justo praser por tão bem merecida renumeração.

Hontem ás 9 horas da noite procedeu-se a eleição da Nova Directoria que tem de funccionar de janeiro a junho, ficando assim composta:

Director (reeleito)
Firmino Lopes Rego.
Vice-Director
José da Silva Cascaes
Thesoureiro
Jeronymo Noceti
1° Secretario
José Paulo Arantes
2° dito.
Camillo Cardozo da Costa
1° Procurador
João de Souza Corcoroca
2 dito.
Francisco Margarida.

Desculpa.—Por motivos imperiosos deixámos de dar esta folha hontem, do que pedimos dezculpa aos nossos assignante.

CORRESPONDENCIA

Cartas de um Roceiro ilha-gracense

CARTA 1ª.

Caro Snr. do Artista.

Sempre é bom a gente dar signaes de que vive por este mundo, ombora pouco importar se deva o mundo que um pobre roceiro como eu, viva ou deixe de viver.

Aqui mettido desde o meu nascimento até hoje, sem nada conhecer do *grand-monde*, e, o que mais é, sem instrucção bastante para fallar e escrever correctamente, sei que minha linguagem não poderá deixar de ser chanissima, com quanto verdadeira, e que minha missiva não irá livre de erros de Orthographia...

Alem de que, sr. Redactor, desta respeitabillissima senhora D. Orthographia, quasi nenhum conhecimento tenho; pois ella aqui não reside quasi devido ao pouco apreço que lhe dão por estas paragens...

Tambem já *vejo pouco* o que como sabe difficulta a calligraphia; não sei si pelos muitos Janeiros que já me pesam, ou si devido ao *mal da terra*.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Seja o que for e como for...

Lendo o seu ARTISTA jornal que me foi apresentado por um amigo aqui residente, fiz proposito de lhe traçar estas humildes linhas e assim encetar uma correspondenciazinha regular com sua amabilissima pessoa, que, pela bonhomia que lhe adorna me desculpará as faltas e a singeleza de *roceirismo*...

Isso dito:

Passo a aproveitar-me do que aprendi na meninice, pondo sobre a mesa um tinteiro, arrancando a penna de um pato e, depois de inhabilmente aparal-a e molhal-a em tinta, repimpo-me n'uma cadeira e vou rabiscando algumas tiras de papel florete, afim de—com minhas mãos callosas apertar amistosamente as suas, saudar o esperançoso, util e agradavel orgam litterario, industrioso e artistico, de sua propriedade, e, fazendo o seu valiosissimo conhecimento, dar-lhe noticia d'esta bôa e bella, o quanto inditosa, terrinha, onde a parteira teve a *delicadeza* de cortar-me o embigo.

Isto aqui não vai bem, meu caro sr. !

Si a gente quer andar, è de Pilatos para Caifaz, o que já faz dizer a alguns espirituosos que— *passear por estas ruas é o cumulo da pasmaceira* !

O que se vê? A andorinha a vôar pelos telhados, verdadeiros *jardins* de urumbeba e de capim...

Navios... (comquanto poucos)

Meia duzia de atoleimados, pertencentos à *sucia de bonet*, montados *uns sobre outros*, e, nos dias sanctificados, a percorrerem estas ruas, a maneira de bandos carnavalescos...

(A proposito: pergunta-se ao sr. fiscal ou a quem toca, si está *na toca* uma postura municipal, que prohibe as corridas de cavallos pelas ruas publicas ?)

Acolá... um grupo de *homens celebres* a tratarem de tudo, menos do que é bom e util para a terra, para o proximo, para si e a bem dos bons costumes...

Uns exhibidores de *faiota a moda*, e chapéos altos... que, na nossa phrase rural, chama-se: *roupa de ver a Deus*.. a trancarem as ruas, por assim dizer, e a impossibilitarem a passagem aos transeuntes... este, com os pés, aquelle, com o nariz; est'outro, com o fetido dos pés e a indecente immensidade das nadegas; aquell'outro com seus modos de paspalhão, como quem nunca vio o espelho... etc., etc.

Continúa

CRITICA

É voz publica

Que o ARTISTA, o atrevido ARTISTA, de hoje em diante vai por cobro a certos abusos que constantemente se estão reproduzindo.

—

Que o *Forasteiro* sae todas as noites, quer chova ou não, à rua para colher novidade para aos domingos divertir os leitores do ARTISTA.

—

Que os senhores que quizerem conversar com as suas namoradas à noite, nas janellas, pagarão nada menos de cinco tostões ao *Forasteiro* ou então sejão assignantes do ARTISTA do contrario levarão um tremendo puchão de orelhas mesmo à vista da sua *ella*.

—

Que, com a vinda do verão as sociedades bailantes (que Deus as conserve) darão *soirées frescas*, onde velhos e velhas moços e moças, dansarão com as roupas do pai Adão.

—

Que o sr. *cupido do portão* ainda não acabou de *roer o osso* da rua da Cadeia; e que o ARTISTA já olha de *esguelha*.

—

Que o mesmo senhor brevemente se casará.

—

Que a *salinha* vai fazer reformas diabolicas.

—

Que por não ter chovido ha alguns dias, algumas pessoas quizerão que se fizesse *preces*...para vir agua.

—

Que fica prohibido segundoo paragrapho 20 do codigo economico aos caixeiros passearem de carro, porque...

—

Que as beatas não largão o confissionario nem á cacete.

—

Que mais tarde com a fresca ellas conhecerão a verdade.

—

Que se os nossos assignantes continuarem a ser pontuaes com os cinco tostões mensaes daremos uma secção critica illustrada quinzenal(em lingua de branco) figuras representando factos da quinzena.

—

Que o *Forasteiro* por hoje faz ponto final reservando o resto para o domingo futuro.

O Forasteiro.

VARIEDADES

LOGOGRIPHOS

POR LETRAS

Offerecido ao Illmo Sr G. H. N. Pires.

Este signal orthographico, 1,4,5,8,7
De pão ou pedra... Que tal ? 1,6,3,3,4
E'tambem floco de neve, 1,4,3,8
E pode ser animal. 7,2,5,8

O todo é marmore verde,
Porém de branco ondeado.
Nada mais para conceito,
Pois está bem explicado.

Plutão e Achilles

A decifração do logogripho do n° passado é — Myrtaristides.—

O autor.

Offerecido ao grande logogryphista Martinho José Callado:

Minha puresa ostentando--6,7,3,7.5
Ver-me-has nesta cidade--3,9 1,2
Ou então nesta extensão--1,2,3
Que requer toda a idade--4,2,1,2.

Assim chamava o patrão--2,1,9
Este honesto rapasinho--6,7,8,5
Que por não poder cortal-o--8,5
Lá foi vel-a em seu ninho--3,9,6,2

Procurei dentro do rio--6,7,1,5
E achei em toda a parte--2,3
E bem no fundo do mar--4,9,3,2,6
Fazia assim Bonaparte--6,7,2

CONCEITO

E' moço de fino tracto
O que o todo significa...
Atirai, pois, caçadores,
Que morto ja elle fica

Desterro, 20 de Dezembro de 1879.

O Pyrilampo.

Ao autor do Logogripho do numero passado.

Na primeira tens um rio - 8, 7, 6, 5.
Na segunda um armazem-1,6,5,4,6,3,2.
Ave terás na terceira...-1,2,5,5,2,1,2,3.
Na final ave tambem - 4,2,5,2,4,2,5,2.

CONCEITO

O todo é nome de homem,
Porém não muito vulgar
Nada mais para conceito
Toca, toca a decifrar.

F. CONCEIÇÃO.

O Snr. Tenente Conceição, enviou-nos as decifrações das Charadas insertas no numero passado: -Analogo- -Arabata- -Servitheta- -Chacal- -Choca- -Chiste- -Cangalho- Patola ou Pachiola e Pacato; e do Logogripho --Myrtaristides-

Ultima hora

Domingo teve logar nos salões do Club Terpsychore 12 de Julho, a eleição da nova directoria ficando constituida da maneira seguinte:

Director
Antonio Albino Guedes
Vice- Director
Olympio dos A. C. Pinto
1° Secretario
Emilio C. M. Aleixo
2° dito.
Manoel L. da Silva Brasinha
Thesoureiro
Manoel d' Araujo Antunes (reeleito)
1° Procurador
João F. da Silva Dutra (idem)
2 dito.
José Segy dos Passos

Felicitamos a nova Directoria.

Typ. e Lith. de Alex. Margarida.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina